UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – FCI

CURSO DE GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA

PAULA VAZ GOMES

Acessibilidade no Museu Vivo da Memória Candanga - MVMC

Brasília, DF

2022

PAULA VAZ GOMES

Acessibilidade no Museu Vivo da Memória Candanga - MVMC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do título de bacharel em Museologia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Magalhães Portela

Brasília, DF

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE APROVAÇÃO

Universidade de Brasília

FOLHA DE APROVAÇÃO

Acessibilidade no Museu Vivo da Memória Candanga - MVMC

Aluno: PAULA VAZ GOMES

Monografia submetida ao corpo docente do Curso de Graduação em Museologia, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília – UnB, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Banca Examinadora:

Aprovada por:

Luciana Magalhães Portela - Orientadora

Professora da Universidade de Brasília (UnB)

Doutora em Antropologia - UnB

Ana Lúcia de Abreu Gomes - Membro

Professora da Universidade de Brasília (UnB)

Doutora em História - UnB

Monique Batista Magaldi - Membro

Professora da Universidade de Brasília (UnB)

Doutora em Ciência da Informação - UnB

Em 03/05/2022.

Documento assinado eletronicamente por **Monique Batista Magaldi**, **Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 04/05/2022, às 22:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

Documento assinado eletronicamente por **Luciana Magalhães Portela**, **Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 06/05/2022, às 17:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

Documento assinado eletronicamente por **Ana Lucia de Abreu Gomes**, **Professor(a) de Magistério Superior da Faculdade de Ciência da Informação**, em 09/05/2022, às 19:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **8065433** e o código CRC **4B2E3871**.

Referência: Processo nº 23106.050331/2022-21 SEI nº 8065433

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Professora Luciana Magalhaes Portela, por ter me acolhido de última hora, por ter me incentivado, mudado o método porque viu que eu não estava conseguindo produzir, conseguido me entender mais que a mim em muitas vezes, quando viu que o problema era tema e mudamos já no meio do semestre. Mas mesmo com as mudanças e correria incentivava a continuar e finalizar o curso da melhor forma possível, foi incrível conhecê-la nesse curto período, não tive a oportunidade de ter aula com a ela devido a sua saída para Doutorado, mas me sinto privilegiada por ter sido minha orientadora. Quero agradecer a Professora Monique Magaldi, por ter me direcionado no TCC no semestre passado, mas por questões de saúde tive que trancar e por ela ter me apresentado e indicado a professora Luciana Magalhaes Portela para me orientar.

Quero fazer um agradecer a Professora e coordenadora do curso Elizângela Carrijo por ter tido a oportunidade de ter pego a matéria de Museologia 2 antes dela sair para Doutorado e me mostrado um outro lado da Museologia que até então eu não fazia ideia da sua existência e com isso não desisti do curso e me apaixonei por esse novo lado que me mostrou dos museus. E a Professora Ana Lúcia de Abreu Gomes por ter me guiado no projeto de TCC e em todas as outras matérias que tivemos aulas, aprendi muito com a senhora.

Gostaria de agradecer a todos os professores(as) no decorrer do curso que me ensinaram muito e com bastante dedicação ao ensinarem, a secretária por sempre tirar as dúvidas e me socorrer quando o matrícula web não funcionada – muitas vezes –, obrigada também pelo suporte que recebi quando não estava bem com minha saúde mental e vocês me ajudaram na minha reintegração foi muito importante para mim essa volta.

Não posso deixar de agradecer minha família, minha mãe Adalgisa Maria Vaz Gomes da Silva e meu pai Waldivino Gomes da Silva Junior que continuaram me incentivando e ajudando a finalizar meu curso, minhas irmãs cada uma do seu jeitinho me dando força, Júlia Vaz Gomes e Sofia Vaz Gomes, que mesmo longe me incentivava sempre e minhas primas Camille Vaz Braga Santos, Bruna Vaz de Souza

Lima, Nicole Marques Cançado que me ajudaram e incentivara também e a Ângela que me ajudou na tradução do abstract por ser uma professora de inglês incrível.

Não posso deixar de fora dos agradecimentos minha amiga Stephanye Siqueira Alves por me auxiliar nos surtos que tive durante a elaboração do TCC e todo o suporte durantes todos os anos estudando na UnB, a minha colega Marina Cardoso Anchises por ter me escolhido como tutora e com isso me mostrado uma outra visão de mundo e me abrindo meus olhos para escolha do meu tema de TCC. Não poderia deixar de agradecer minha terapeuta Antonia Aparecida Ferreira Borges mais carinhosamente chamo de Maninha ou Cida, que me ajudou no processo mais difícil que enfrentei na depressão e sempre me incentivava e concluir meu curso da forma mais tranquila e sem autocobrança que costumava fazer comigo mesma me prejudicando sem eu ao menos saber.

Preciso agradecer ao público que respondeu os questionários para ajudar no meu estudo de caso, a Gerente do Museu Vivo da Memória Candanga Eliane Falcão por ter conversado comigo e respondido ao questionário me auxiliando para a pesquisa também.

E a todos os meus amigos e familiares que me ajudaram durante todos os anos em que estudei na UnB, quero agradecê-los pela paciência e carinho que tiveram comigo quando deixava de ir as reuniões e quando eu chegava lá ficava estudando ou dormia de cansaço.

Muito obrigada ao meu anjo da guarda e meu mentor espiritual que está sempre comigo nos momentos de fáceis e difícil me auxiliando quando preciso de sabedoria para pensar com calma e agir da forma mais sabia possível sem machucar o outro ou a mim e não pode faltar minhas três cachorrinhas: Baleia, Fidida e Cachorrinha, que foram meu momento de descanso entre as aulas na pandemia, me ajudaram muito quando estava em depressão sem elas não teria sido nada fácil para a conclusão do curso.

RESUMO

Este trabalho trata da relação entre a museologia e a arquitetura, com foco na acessibilidade de museus. Com o objetivo de avaliar a acessibilidade de uma instituição museológica no Distrito Federal, escolheu-se o Museu Vivo da Memória Candanga. O prédio que abriga o MVMC foi construído antes mesmo da inauguração de Brasília e serviu, inicialmente, como o primeiro hospital da cidade. As suas instalações são o principal acervo da instituição museal que se situa em meio a uma extensa área verde arborizada, utilizada pelos visitantes para a realização de piqueniques e sessões fotográficas de noivos e debutantes. A metodologia utilizada foi, inicialmente, a pesquisa bibliográfica acerca do tema, a visita ao Museu, com registros fotográficos dos espaços e a aplicação de entrevistas. Observou-se as potencialidades do Museu Vivo da Memória Candanga enquanto instituição museológica que busca a inclusão da comunidade, no entanto, no que tange às normas e especificações apresentadas nas legislações de museus no Brasil, a instituição carece de melhorias.

Palavras-chave: Museologia; Arquitetura de Museus; Acessibilidade; Museu Vivo da Memória Candanga

ABSTRACT

This study deals with the relationship between Museology and Architecture, with a focus on the museums accessibility. In order to evaluate the accessibility of a museum institution in the Federal District, the Living Museum of Candanga Memory was chosen as the object of a case study. The living building that houses the MVMC was built even before that inauguration of Brasilia and initially served as the first hospital in the city. Its facilities are the main collection of the museum institution which is located in the middle of an extensive wooded green area, used by visitors for picnics and photo shoots of bridegrooms and debutantes. The methodology used was, initially, bibliographic research on the subject, the visit to the Museum, with photographic records of the spaces and the application of interviews. We observed the potential of the Living Museum Candanga Memory as a museological institution that seeks the inclusion of the community, however, regarding the norms and specifications presented in the legislation of museums in Brazil, the institution lacks improvements.

Keywords: Museology; Museum of Architecture; Accessibility; Living Candanga Museum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Faixa de travessia acessível / Figura 2: Rampa de acesso do estaciona para o museu. 21
Figura 3: Medidas ideias para a travessia do cadeirante na calçada. 22
Figura 4: Medidas indicadas para o tamanho da porta e sua extensão ao abrir. 22
Figura 5: Indicação de piso sinalizado com rampa e suas medidas ideais. 23
Figura 6: Altura dos corrimões, medidas dos degraus e inclinação da rampa, todas medidas indicadas..... 23
Figura 7: Acesso ao banheiro com suas rotatividades e livre acesso ao cadeirante. 24
Figura 8: Medidas indicadas para o cadeirante visualizar a exposição e ter espaço suficiente para se locomover. / Figura 9: Dimensão de rotatividade que o cadeirante precisa para fazer as manobras independentemente e sem empecilhos o atrapalhando. 25
Figura 10: Estacionamento do MVMC – Museu Vivo da Memória Candanga..... 30
Figura 11: Entrada para exposições: "Cor e vida" e "Exposição viver é transformar". 31
Figura 12: Entrada para exposição "consultório do Dr. Edson Porto" e "Exposição Cerrado Pau de Pedro". 32
Figura 13: Acesso para "Biblioteca" nome da exposição. 33
Figura 14: Acesso para a exposição principal, auditório, biblioteca e sala de vídeo. 34
Figura 15: Entrada com rampa e escada. 35
Figura 16: Entrada para exposição "Poeira, Lona e Concreto", auditório e sala de cinema..... 36
Figura 17:Acesso para uma das salas de oficina que precisa de manutenção. 37
Figura 18: Acesso para área verde e de socialização que precisa de manutenção. 38
Figura 19: Área verde com parquinho para as crianças. 39

Sumário

Introdução 12
Capítulo1- Arquitetura de Museus e Acessibilidade 15
1.1. Arquitetura, museus e Museologia 15
Capítulo 2 - Normas, Legislações e Decretos 19
Capítulo 3 - Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC 27
3.1 O espaço do MVMC - Museu Vivo da Memória Candanga 27
3.1 Visita ao Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC para a realização do estudo e avaliação da acessibilidade do museu 29
Capítulo 4 - Estudo de Caso: Pesquisa sobre acessibilidade de museu e no MVMC – Museu Vivo da Memória Candanga 43
Considerações Finais 48
Referências 50
Anexo I 53
Anexo II 56

Introdução

A escolha do tema surgiu pelo meu interesse e gosto por auxiliar meu pai em suas atividades. Com formação em Design de interiores, ele me solicitou, diversas vezes, que o auxiliasse na elaboração de projetos. No entanto, eu não me identificava com a Arquitetura enquanto campo de conhecimento. A escolha pelo Curso de Museologia na Universidade de Brasília se deu por acreditar que a partir da formação proposta por ele, eu poderia reunir diferentes atividades que me interessavam: artes, restauração, conservação, planejamento e organização de espaços dedicados à conservação e ao tratamento de objetos.

Em um segundo momento, tive a oportunidade de conviver e aprender com a minha colega de curso, Marina Cardoso Anchises. Marina é hoje uma museóloga formada pelo Curso de Museologia da UnB. Marina é uma pessoa com deficiência e ao ingressar na Universidade me convidou para ser sua "tutora" auxiliando-a em sua circulação no *campus,* assim como na execução de tarefas necessárias enquanto discente.

Com ela aprendi muito. Passei a enxergar com outros olhos tudo o que ela passava no dia a dia: desde as dificuldades de acesso aos espaços da universidade, como também o preconceito de algumas pessoas, ou a abordagem capacitista.

O capacitismo é, segundo o influenciador digital Ivan Baron, o preconceito e a discriminação contra pessoas com deficiência. Pode se apresentar de várias formas como a violência, a negação de direitos, a negação de oportunidades. Também pode ser evidenciado pelo apagamento dessas pessoas, a partir de, por exemplo, a falta de representatividade de pessoas com deficiência na mídia e nos espaços de poder (BARON, Expressões capacitistas, 2022).

Sensibilizada pela questão graças à experiência vivida com minha colega de curso Marina, escolhi tratar da acessibilidade em museus em meu trabalho de conclusão de curso (TCC). Para mim, o tema é de suma importância e é urgente discutirmos a questão, buscando evitar as atitudes capacitistas. Um dos caminhos possíveis para isso é, por exemplo, tratar de forma mais aberta e mais natural a existência das pessoas com deficiência, sem deixá-las constrangidas pela falta de tato na elaboração de perguntas, olhares, cobranças – dentre inúmeras outras formas de agressões não necessariamente físicas.

O contato e a amizade com a Marina me permitiram perceber muitas coisas que antes não eram percebidas. Citarei apenas algumas delas: ônibus supostamente acessíveis em circulação, porém, com a rampa que permitiria o acesso de uma pessoa em cadeira de rodas, quebrada; a instabilidade nas calçadas, e até mesmo, a falta delas; a insuficiência de banheiros acessíveis, a falta de entradas acessíveis em alguns estabelecimentos.

Este último exemplo foi vivenciado na própria Universidade de Brasília, já que o Curso de Museologia funciona na Faculdade de Ciência da Informação, cujas instalações do prédio careciam de estruturas acessíveis. Como a entrada do prédio era composta por escadas, sem forma alternativa de acessar as salas de aula por meio de elevadores, as pessoas como a Marina que se utilizam de uma cadeira de rodas eram obrigadas a entrar pelos fundos da Biblioteca Central, que dispunha de uma rampa para carga e descarga de livros e outros materiais. Esses foram apenas alguns pontos que passei a observar a partir do momento em que comecei a acompanhar a Marina.

Hoje tenho a consciência de que é necessário realizarmos muitas melhorias para que tenhamos não somente museus, mas diferentes espaços públicos mais acessíveis para todos e com mais equidade.

A partir da ideia de tratar do tema da acessibilidade em museus, selecionamos um museu do Distrito Federal para realizarmos um estudo de caso e uma avaliação da acessibilidade em suas instalações.

O museu escolhido para o desenvolvimento da pesquisa foi o Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC, e a escolha se deu pela minha experiência pregressa nesta instituição, que relatarei mais à frente.

O objetivo deste trabalho é, portanto, realizar uma pesquisa qualitativa acerca da acessibilidade do MVMC, a partir de uma revisão bibliográfica e um estudo de caso, reunindo documentos e informações, reflexões sobre o tema da acessibilidade e, em especial, sobre o MVMC. Como metodologia, utilizamos a aplicação de entrevistas, a visita ao museu, a fotografia como registro das condições do prédio e dos espaços do museu.

A concepção de um projeto ou a readaptação de um ambiente físico para tornar-se um museu são alguns dos temas tratados neste trabalho. Reflexões que derivam do tema como: Quais são as condições necessárias para se considerar um museu acessível? Apenas os conhecimentos de um arquiteto seriam suficientes? Ou

a combinação desses conhecimentos com a contribuição e análise de um museólogo nessa construção de projeto seria mais interessante e profícua?

Serão tratados os aspectos de acessibilidade que os profissionais envolvidos com o projeto do prédio da instituição museal devem estar atentos. Tanto para a iniciação de um projeto, quanto para a readaptação de um ambiente, quais serão as normas a serem seguidas.

No capítulo 1 será apresentado o tema sobre arquitetura de museus, acessibilidade e museologia, a junção dos três para a construção de um projeto museológico.

O capítulo 2 será dedicado aos decretos, leis e normativas relacionadas a esse tema e sua junção no Plano Museológico.

O capítulo 3 será dedicado a descrever os aspectos físicos do Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC. Além da descrição do espaço do museu, o terceiro capítulo trata da experiência de estágio da autora deste TCC no segundo semestre de 2018. Finalmente, será tratada a visita técnica realizada com fins de estudo para a elaboração deste trabalho e pesquisa. Resulta, portanto em uma análise comparativa entre o período do estágio e o atual momento, março/ abril de 2022, em que me dedico a este TCC.

No capítulo 4, trataremos das reflexões e observações resultantes deste estudo de caso que foi desenvolvido para sabermos através do olhar do visitante se o museu foi acessível a ele, as dificuldades no Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC e a viabilidade de acesso, se possui.

Capítulo1- Arquitetura de Museus e Acessibilidade

1.1. Arquitetura, museus e Museologia

São muitas as relações entre a Museologia e a Arquitetura. No encontro dessas duas disciplinas, diversos profissionais e pesquisadores desenvolvem projetos, estudos, reflexões e questionamentos, culminando em resultados teóricos e técnicos.

Quando o projeto de um prédio que virá a abrigar uma instituição museológica é concebido ou ainda, quando um prédio projetado para outra finalidade é alterado para receber um museu, deve-se, obrigatoriamente, recorrer a uma arquiteta ou um arquiteto. Este profissional deverá pautar-se em diversos documentos que buscam orientar o assunto, sendo, alguns deles determinados pela sua área, e outros, pelo campo da Museologia.

No domínio da Museologia, temos, leis e normas que determinam as condições necessárias e obrigatórias para a validação legal da obra, além de orientações como o Guia para projetos de Arquitetura de Museus (2020), organizado pela Coordenação de Espaços Museais e Arquitetura do Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM.

Entretanto, a relação entre a Museologia, os museus e a Arquitetura é, apesar de necessária, atravessada por certas tensões. A professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Maria Cecília Gabriele revela o conteúdo desse conflito:

> Notadamente, as críticas desferidas pelos museólogos com relação à arquitetura referem-se à funcionalidade dos espaços nos edifícios-museu. Por outro lado, há também, por parte da museologia, pouca valorização e consequente baixa exploração do valor museológico das edificações de caráter histórico, artístico e cultural, que frequentemente possuem algumas instalações museológicas. (GABRIELE, 2012: 24).

Percebe-se que, apesar da complementaridade que se mostra necessária entre os trabalhos de arquitetos e museólogos, há ainda uma demanda de explorar esse diálogo, enriquecer as discussões, e sobretudo, as ações nesse sentido.

Uma questão fundamental que emerge do que foi apresentado acima é sobre a importância de um trabalho conjunto entre arquitetos e museólogos na elaboração de projetos, seja em edifícios novos, seja na adaptação dos edifícios para o recebimento de uma instituição museal.

Além da legislação que rege os museus e a profissão de museólogo, há também as leis de acessibilidade e as leis que tratam das pessoas com deficiência. Apesar da existência de todos esses documentos, normas e leis, o que ocorre, na prática, é que as instituições não conseguem acompanhar o ritmo dos avanços das leis no sentido de promover a acessibilidade das instituições, além do não cumprimento das normas. Sabe-se que um dos argumentos mais utilizados pelas diretorias e gerências dessas instituições, é a falta de recursos financeiros. Dessa forma, o não cumprimento dessas orientações, normas e regras têm como resultado, não somente as questões legais da instituição, mas antes de tudo, e talvez ainda mais importante, a exclusão de muitas pessoas. Esses serão alguns dos pontos abordados neste capítulo.

Ao falarmos da acessibilidade de um museu estamos falando de diversos aspectos, como:

> Acessibilidade é aqui entendida num sentido lato. Começa nos aspectos físicos e arquitetônicos, mas vai muito além, uma vez que toca outras componentes determinantes, que concernem aspectos intelectuais e emocionais: acessibilidade da informação e do acervo. Uma boa acessibilidade do espaço não é suficiente. É indispensável criar condições para compreender e usufruir os objetos expostos num ambiente favorável. Para, além disso, acessibilidade diz respeito a cada um de nós, com todas as riquezas e limitações que a diversidade humana contém e que nos caracterizam, temporária ou permanentemente, em diferentes fases da vida. (Instituto Português de Museus, 2004 *apud* COHEN, DUARTE, BRASILEIRO, 2012:39).

Como afirmam as autoras do trecho citado acima, não basta o edifício ser acessível às pessoas com deficiência ou dificuldade de locomoção, a acessibilidade é entendida pelas instituições como o IBRAM, assim como pela Museologia, como uma característica que se almeja alcançar com o objetivo de ampliar o diálogo com as mais variadas pessoas. A acessibilidade está, dessa forma, estreitamente relacionada com a democratização dos museus.

As instituições que se alinham a essa forma de pensar a comunicação museal devem estar constantemente buscando avaliar as condições que promovem e se preparar para receber diferentes grupos e diferentes pessoas: crianças, adultos,

idosos, pretos, brancos, indígenas, quilombolas, mulheres, gestantes, pessoas LGBTQI++, pessoas com deficiência ou dificuldades locomotoras, ou qualquer outro tipo de deficiência.

Então o trabalho de um arquiteto como podemos ver é de suma importância tanto para acessibilidade quanto em questões éticas das leis que foram criadas para serem cumpridas e incluir todas as pessoas da nossa sociedade.

Para a elaboração feita para um projeto de museu ou adaptação de um ambiente já existente são necessários alguns processos fundamentais para o funcionamento de um museu, devido tudo o que ele demanda em relação a espaço, área para armazenar acervo, laboratório para prevenção e restauração dos objetos, equipamentos adequados, equipamento de segurança para incêndio, ambiente acessível para todos os públicos, banheiros acessíveis, estacionamento e as seguintes leis que estão a favor dos arquitetos e museólogos, e o guia de museus que o IBRAM disponibiliza. Essa citação exemplifica o que acabei de explicar.

> Também a arquitetura, que passou por um grande processo de renovação e questionamento, estava ávida de exercitar sua nova liberdade. Velhos postulados modernistas (fruto também, ironia da história, de um brado de liberdade) caíram por terra. Por que a planta tem que ser livre como queria Le Corbusier? Porque a continuidade espacial, os pilotis, a fachada de vidro? Todos estes dogmas caíram por terra. Entre as principais novidades conceituais da “nova” arquitetura, estava a recuperação de valores históricos “jogados fora” com o modernismo e, consequência, uma grande preocupação com o patrimônio construído das cidades. Nunca se reciclou tantos edifícios neste século quanto nas duas últimas décadas. Os antigos museus, claro, passaram a ser um prato cheio! (KIEFER, 1996, p.1)

Como vimos na citação acima, a arquitetura passou por um período de adaptações com o seu estilo, forma de pensar, ideias, estrutura e principalmente abraçando a diversidade. A mudança assusta e nunca foi um trabalho fácil, mais estamos colhendo agora os frutos que foram plantados nesse período aos poucos, bem gradativamente estamos conquistando mais e mais espaço para diversidade em especial (no ambiente, prédio), como na nossa sociedade.

Podemos ver essas mudanças nos prédios que são cedidos para se tornar museu e como essa readaptação, mudança de pensamento e estratégia se integra no novo ambiente de museu.

Podemos pegar como exemplo o museu da Pinacoteca em São Paulo: o prédio começou com processo de tombamento em 1982, mas entrou em vigor no ano

de 1991 com a finalização bem-sucedida do processo. Em 1993 o prédio começou com processo de mudança como explica melhor esse trecho:

> O projeto de reforma do edifício partiu de duas características principais: preservar a preexistência, patrimônio histórico, e, ao mesmo tempo, adequar o espaço para receber o programa de museu, apropriado às necessidades de exposições internacionais, para, assim, tornar a Pinacoteca o destino de exibições que vêm a São Paulo (BAGGIO, 2021, p.1)

Podemos ver esse exemplo também com o Museu do Louvre, quando fizeram a Pirâmide do Louvre como entrada principal como comemoração do bicentenário da Revolução Francesca e, a partir de então houve muitas reformas, melhorias e preservação do prédio tombado e sua extensão moderna que se destaca, o trecho abaixo mostra com o olhar arquitetônico essa mudança. “Esta nova visão é bastante positiva uma vez que não se restringe ao objeto arquitetônico, transcendendo largamente suas fronteiras, seja fisicamente, culturalmente ou socialmente falando” (COHEN, 2012, p.41).

Quando o prédio da instituição museal não leva em conta o conhecimento a respeito da questão, como as diretrizes elaboradas pelo IBRAM e os estudos promovidos pela teoria museológica a respeito da arquitetura de museus e acessibilidade, temos como resultado a limitação dos públicos do museu e a exclusão de uma parte da sociedade.

Essa limitação pode ser um desconforto ou um constrangimento para pessoas com algum tipo de dificuldade de locomoção ou outra razão que a impeça de entrar no museu e se deslocar de forma autônoma. Ocorre que, muitas vezes, essas pessoas são obrigadas a utilizar uma entrada alternativa, ou meios diferentes da maior parte das pessoas, causando uma distinção e uma separação entre pessoas com e sem deficiência.

Capítulo 2 - Normas, Legislações e Decretos

Iniciaremos este capítulo com um breve histórico da criação de Leis Museais referentes à acessibilidade. Em seguida, apresentaremos a legislação dos órgãos competentes que se adequam ao estudo deste trabalho.

De acordo com Celeste e Silveira[1] (2019), as leis de acessibilidade relativas aos museus percorreram um caminho desde 1976, quando foram elaboradas as primeiras documentações sobre política museal conhecida como "Subsídios para a implantação de uma Política Museológica Brasileira" diretamente no I Encontro Nacional de Dirigentes de Museus de 1975.

Em 2003 foi criado o Plano Nacional de Museus - PNM, com a intenção de discutir acerca das políticas públicas do patrimônio cultural no domínio das instituições museais. O ano de 2009, ano de criação do Instituto Brasileiro de Museus - IBRAM, marca o início as discussões sobre acessibilidade nos museus. Em seguida é instituído o Plano Nacional Setorial de Museus – PNSM, documento que tem sua elaboração iniciada em 2009, de forma democrática e participativa, com plenárias estaduais e que foi consolidado no 4º Fórum Nacional de Museus, em 2010, com a participação de cerca de 2 mil trabalhadores e estudantes do campo museológico[2]. Esse projeto foi criado pelo Plano Nacional de Cultura entre os anos de 2009 e 2010, tendo validade pelo período nos anos de 2010 até 2020, com prováveis mudanças e prorrogações de tempo.

No ano de 2018 foi criada a Política Nacional de Educação Museal – PNEM, e com ela foi estabelecido o termo "Acessibilidade Plena" com o intuito de inclusão social e superar esses empecilhos que muitas vezes a sociedade continua pondo em prática.

---

[1] CELESTE, C.; SILVEIRA, C. Acessibilidade nos Museus brasileiros:: tendências da produção acadêmica. **Museologia & Interdisciplinaridade**, *[S. l.]*, v. 8, n. 16, p. 196–212, 2019. DOI: 10.26512/museologia.v8i16.24783. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/arti

[2] Dados retirados do site do IBRAM, disponível em: https://www.gov.br/museus/pt-br/acesso-a-informacao/participacao-social/politicas-do-setor-museal/plano-nacional-setorial-de-museus#:~:text=O%20Plano%20Nacional%20Setorial%20de,e%20estudantes%20do%20campo%20museol%C3%B3gico , acesso em 1 de maio de 2022.

Para a construção de um museu deve-se seguir os requisitos de acordo com as seguintes leis que serão apresentadas e discutidas no decorrer deste capítulo, tanto no aspecto arquitetônico e museológico, quanto em questões de acessibilidade do prédio em específico.

Começaremos com o Estatuto de Museus, instituído pela Lei n°11.904/2009. De acordo com ela, todos os museus devem implementar o Plano Museológico, um documento que deve ser elaborado pelos museus com o objetivo de avaliar e planejar as atividades e setores da instituição, como veremos a seguir:

> Art. 44. É dever dos museus elaborar e implementar o Plano Museológico.
> Art. 45. O Plano Museológico é compreendido como ferramenta básica de planejamento estratégico, de sentido global e integrador, indispensável para a identificação da vocação da instituição museológica para a definição, o ordenamento e a priorização dos objetivos e das ações de cada uma de suas áreas de funcionamento, bem como fundamenta a criação ou a fusão de museus, constituindo instrumento fundamental para a sistematização do trabalho interno e para a atuação dos museus na sociedade.
> Art. 46. O Plano Museológico do museu definirá sua missão básica e sua função específica na sociedade e poderá contemplar os seguintes itens, dentre outros:
> I – o diagnóstico participativo da instituição, podendo ser realizado com o concurso de colaboradores externos;
> II – a identificação dos espaços, bem como dos conjuntos patrimoniais sob a guarda dos museus;
> III – a identificação dos públicos a quem se destina o trabalho dos museus;
> IV – detalhamento dos Programas:
> a) Institucional;
> b) de Gestão de Pessoas;
> c) de Acervos;
> d) de Exposições;
> e) Educativo e Cultural;
> f) de Pesquisa;
> g) Arquitetônico-urbanístico;
> h) de Segurança;
> i) de Financiamento e Fomento;
> j) de Comunicação.
> k) de acessibilidade a todas as pessoas. (Incluído pela Lei nº 13.146, de 2015) (Vigência). (Lei n°11.904/2009, seção III, planalto)

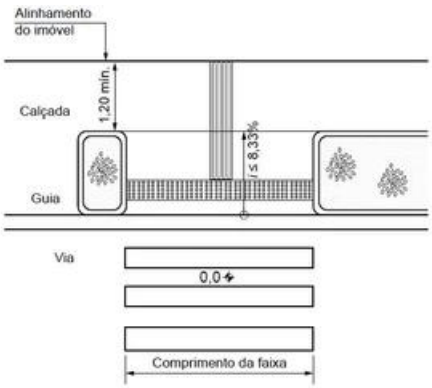
Dentre os itens elencados na constituição do Plano Museológico, nos deteremos especialmente nos programas Arquitetônico-Urbanístico e de Acessibilidade a todas as pessoas.

O Programa de Necessidades no âmbito museal é o Plano Museológico e ele se encontra logo abaixo citado, incluindo arquitetos e museólogos. Mas referente ao Programa de Necessidade no âmbito geral, os arquitetos têm que implementá-los em todos os prédios sem distinção por todo o Brasil.

O Programa Arquitetônico - Urbanístico, prevalecendo a conservação dos espaços internos e externos, deve ser adaptado para o bom funcionamento do museu em: acessibilidade física; circulação do ambiente; identidade visual da instituição; linguagem em exposição para pessoas com deficiência; conforto do ambiente, de acordo com o Decreto n°8.124/2013.

> V - elaborar, divulgar e manter atualizado material com recomendações técnicas relacionadas a:
> a) preservação, conservação, documentação, restauração e segurança dos bens culturais musealizados e declarados de interesse público;
> b) estudos de público, diagnóstico de participação e avaliações periódicas a serem realizados pelos museus, para melhorar progressivamente a qualidade do funcionamento e o atendimento às necessidades de vistantes e usuários;
> c) condições de segurança das instalações dos museus;
> d) restrições à entrada de objetos e de pessoas, que deverão ser justificadas e expostas em local de fácil visualização para visitantes e usuários;
> e) formas de colaboração com entidades de segurança pública no combate aos crimes contra a propriedade e tráfico de bens culturais;
> f) acessibilidade nos museus; e
> g) elaboração do plano museológico. (Decreto n°8.124/2013, cp.2 art.3)

Em termos de lei para acessibilidade, foi atualizada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT versão 2020 da norma de acessibilidade NBR 9050[3], com melhoramento e exatidão a anterior de 2015, irei mostrar com imagens algumas melhorias.



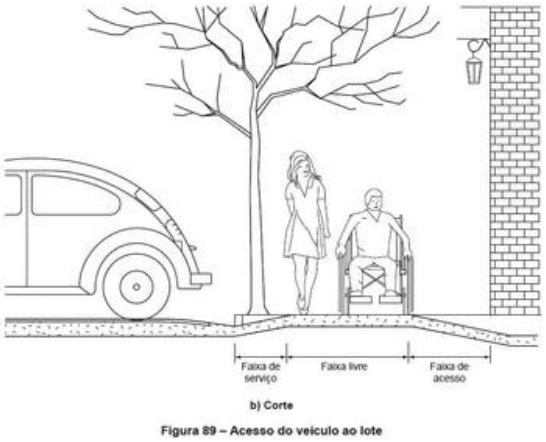


Figura 1 Faixa de travessia acessível / Figura 2: Rampa de acesso do estaciona para o museu.

Fonte: Emenda1:2020 ABNT NBR9050

[3] http://acessibilidade.unb.br/images/PDF/NORMA_NBR-9050.pdf

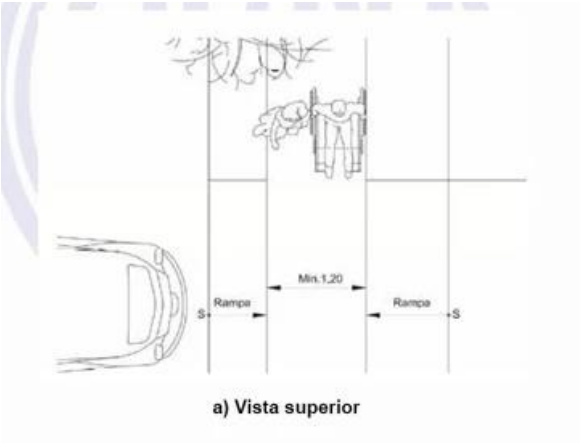


Figura 3: Medidas ideias para a travessia do cadeirante na calçada.

Fonte: Emenda1:2020 ABNT NBR9050

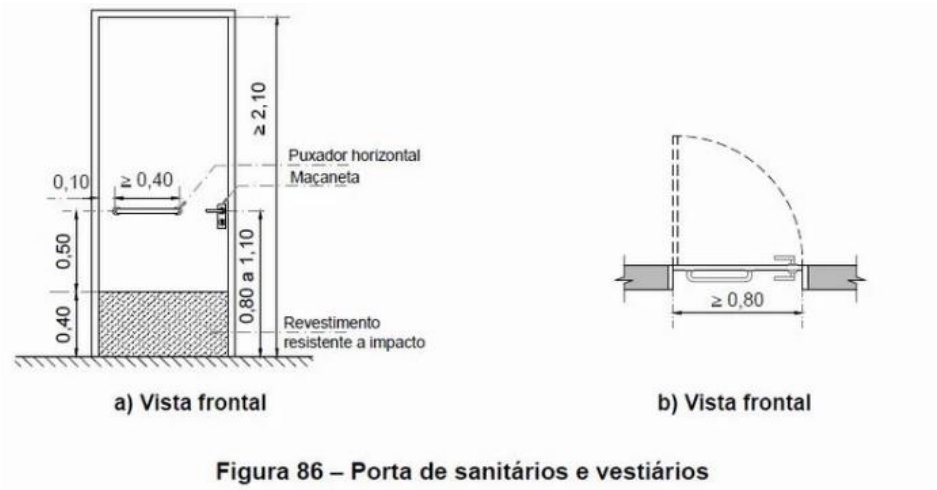


Figura 4: Medidas indicadas para o tamanho da porta e sua extensão ao abrir.

Fonte: Emenda1:2020 ABNT NBR905

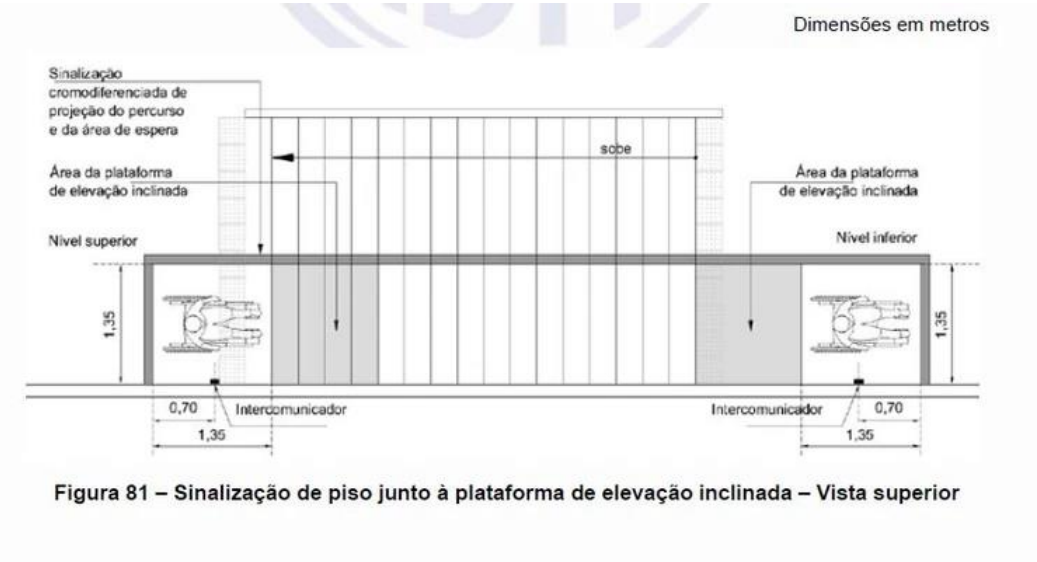


Figura 5: Indicação de piso sinalizado com rampa e suas medidas ideais.

Fonte: Emenda1:2020 ABNT NBR9050

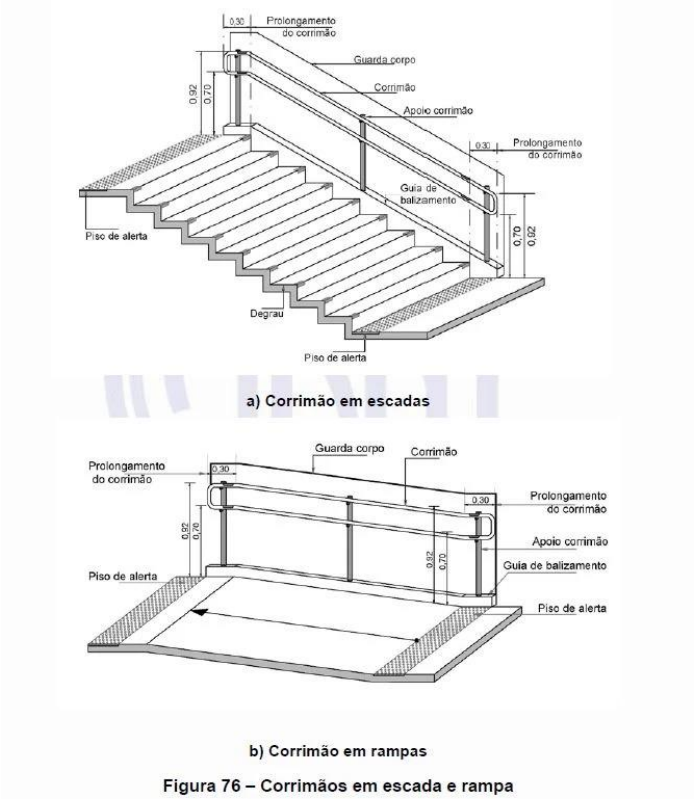


Figura 6: Altura dos corrimões, medidas dos degraus e inclinação da rampa, todas medidas indicadas.

Fonte: Emenda1:2020 ABNT NBR9050

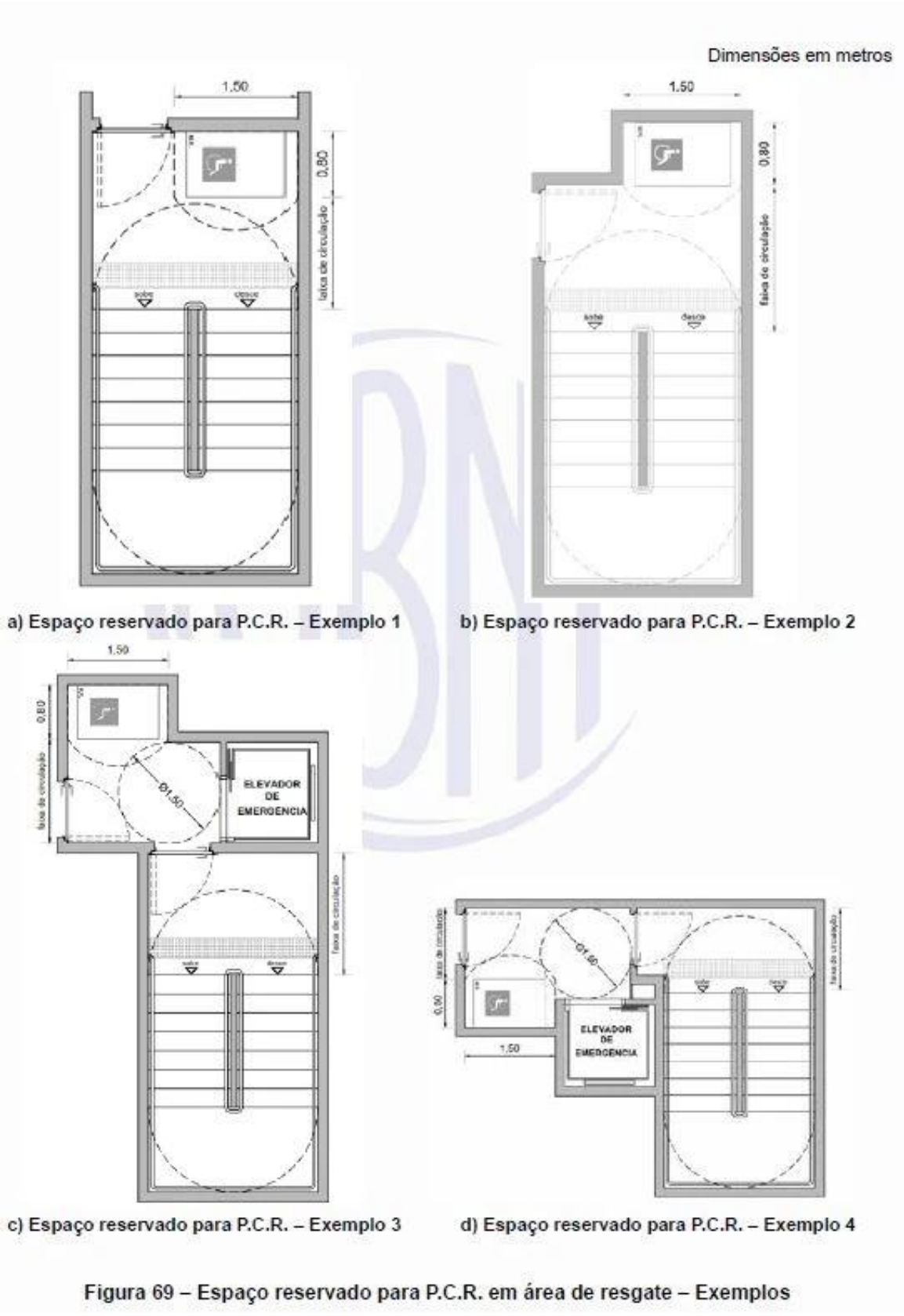
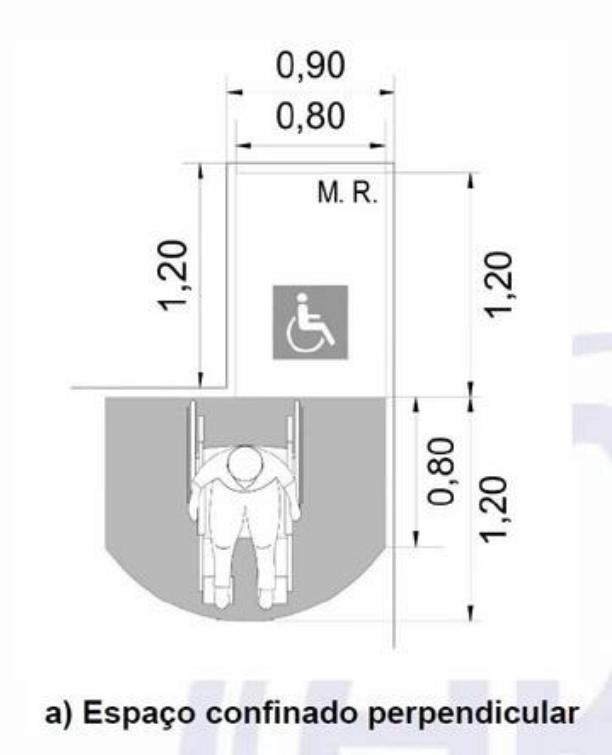


Figura 69 – Espaço reservado para P.C.R. em área de resgate – Exemplos

Figura 7: Acesso ao banheiro com suas rotatividades e livre acesso ao cadeirante.

Fonte: Emenda1:2020 ABNT NBR9050



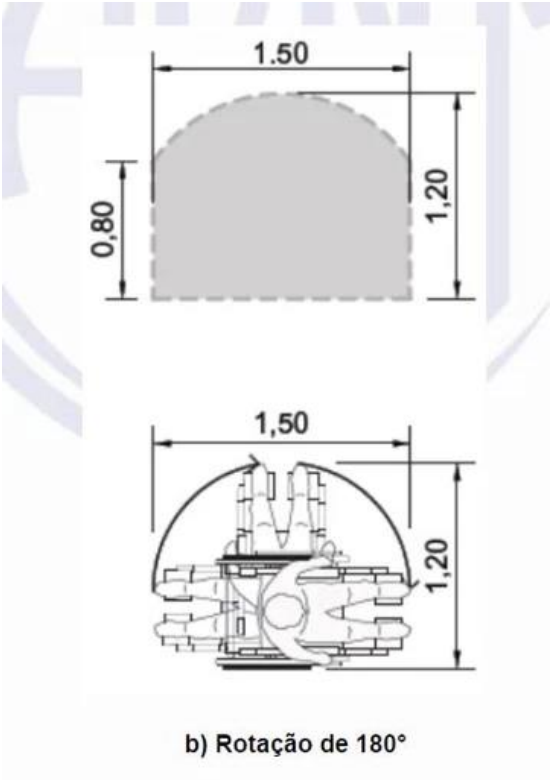


Figura 8: Medidas indicadas para o cadeirante visualizar a exposição e ter espaço suficiente para se locomover. / Figura 9: Dimensão de rotatividade que o cadeirante precisa para fazer as manobras independentemente e sem empecilhos o atrapalhando.

Fonte: Emenda1:2020 ABNT NBR9050

Encontra-se na Lei n°13.146/2015 todos os direitos das pessoas com deficiências no Brasil, porém em 2021 houve atualizações, modificações, correções e melhorias com a Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência - LBI.

Os arquitetos usam o Plano Museológico e a NBR 9050, na projeção dos espaços para o prédio se tornar acessível para toda a sociedade, pessoas com deficiência e dificuldade de locomoção.

A NBR 9050 aborda as medidas ideais para que uma pessoa com deficiência não tenha dificuldade em se locomover e se deslocar para qualquer lugar do Brasil, valendo para as instituições/museus.

Nela se encontra a medida para que um cadeirante tenha visão de uma obra de arte em exposição, para não esbarrar nas obras expostas pelo meio do espaço, medidas de rotatividade para eles terem a facilidade em fazer as manobras, pisos táteis, corrimões na altura correta, banheiros acessíveis e com espaço ideal para manobras dentro e fora dele, elevação da rampa para ficar ideal. (NBR9050)

Foram escolhidas as figuras apresentadas acima com o objetivo de relacionar a Norma NBR 9050 com as características do Museu Vivo da Memória Candanga, objeto de análise deste trabalho.

Essas leis são todas em âmbito nacional e para a segurança da sociedade o ideal seria que ocorresse uma supervisão antes da abertura do museu/instituição, como diz na citação de Kimura e Pereira:

> Em arquitetura, um Programa de Necessidades compreende o conjunto sistematizado de necessidades para um determinado uso de uma construção. É elaborado nas fases iniciais do projeto a fim de nortear as decisões a serem tomadas, funcionando como um dos principais determinantes do projeto. (PEREIRA, F.; KIMURA, S., 2014, p.3)

É preciso ressaltar que o MVMC foi instalado em um bem tombado, o que requer ainda mais rigor nos aspectos a serem observados em relação ao prédio. Qualquer adaptação, reforma, manutenção ou outra forma de intervenção nas características físicas do prédio implica ainda mais cuidados e respeito às legislações vigentes, não somente no domínio da museologia, dos museus, da arquitetura (normas relativas aos projetos ou à atuação profissional), mas também, às leis, recomendações e normas relativas à proteção do patrimônio.

De acordo com o Guia para Projetos de Arquitetura de museus, organizado e publicado pelo IBRAM (INSTITUTO, 2020:15), é preciso buscar, tanto quanto possível, compatibilizar e aproveitar as instalações já existentes, respeitando os valores estéticos e culturais do bem. Isto é, deve-se evitar ao máximo intervenções nas edificações. É imprescindível evitar qualquer interferência na sua autenticidade histórica, estética, preservando a sua técnica construtiva, o uso de materiais, com o objetivo de evitar de descaracterizar o bem.

Capítulo 3 - Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC

Para iniciarmos o capítulo 3 deste trabalho, apresentarei, nas páginas a seguir, um pouco da história do museu, assim como as suas características físicas, constatadas a partir de uma visita técnica realizada para fins desta pesquisa.

3.1 O espaço do MVMC - Museu Vivo da Memória Candanga

O espaço do museu é bem amplo: possui uma área verde, um prédio principal e outras edificações menores que são chamadas de “casas coloridas”[4]. Na área externa, há um grande jardim com mesas onde os visitantes costumam fazer piqueniques em grupo.

De acordo com a Professora Maria Cecília Gabriele, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, o imóvel que hoje abriga o MVMC foi construído em 1957 para atender a uma outra função, tendo sido o primeiro hospital de Brasília:

> Para dar apoio a todos os trabalhadores que viviam a intensa rotina da construção, foi erguido ao lado destes assentamentos pretensamente provisórios, em 1957, o Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, HJKO, posteriormente transformado no Museu Vivo da memória Candanga (MVMC). (GABRIELE, 2010. P.3).

O Hospital Juscelino Kubitscheck de Oliveira, construído antes da inauguração da nova capital federal, tinha como objetivo prestar assistência médica aos candangos que moravam nos acampamentos das construtoras. A sua demolição era planejada, após a inauguração da cidade. No entanto, o prédio acabou sendo mantido em razão de manifestações da população que se opuseram à demolição. Dessa forma, Maria Cecília Gabriele considera que o principal acervo do MVMC são justamente as suas instalações arquitetônicas, tombadas em 1985 pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (GABRIELE, 2010).

Hoje no local se encontra instalado o Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC. Além das edificações, o acervo do museu (especialmente aquele apresentado na exposição

[4] Nome carinho para as casas coloridas que são usadas para oficinas, gestão e exposição itinerante.

“Poeira, Lona e Concreto”) foi formado com a ajuda da sociedade levando objetos da época, fotografias, relatos, causos e o próprio maquinário que o instituto usava sendo exposto, fora é também o material que era utilizado pelo hospital que ali residia anteriormente relato pelo funcionário na época em que estagiei o Ronaldo Medeiros.

Dessa maneira eles criaram a exposição permanente em um dos prédios, fazendo modificações nele e acrescentando espaços multifuncionais para o uso do museu, como o auditório/cinema com o intuito de mostrar um vídeo da construção de Brasília e de Juscelino Kubitschek para os visitantes.

As casas que serviam de acomodação aos médicos foram setorizadas, algumas foram modificadas para exposições itinerantes, outras para se tornarem oficinas de artes, acervos fotográficos e a recepção.

> As oficinas trabalham com os saberes e os fazeres que as pessoas trouxeram quando vieram para cá. Brasília é uma junção do Brasil inteiro... cada um traz um pouco do seu saber, da sua região. Isto se mescla e forma Brasília. Um não é mais que o outro. Brasília é todos juntos(...). As oficinas são um espaço de manutenção de identidades e de recriação destas identidades. (Maciel 2010)

Dentro do terreno onde se situa o museu, temos também um galpão em madeira onde se dá um encontro semanal, nos sábados, do Clube de Carros antigos de Brasília, ou Veteran Car Brasília. De acordo com a página do clube na internet[5], o objetivo do clube é a exposição, a troca de informações e a confraternização dos seus sócios e admiradores de carros antigos. No período em que estagiei no Museu Vivo da Memória Candanga os funcionários se queixavam muito do funcionamento do clube naquele espaço, argumentando que ela trazia insegurança e muito fluxo de carros entrando e saindo do Museu. Apesar das queixas, nada foi feito até hoje, o clube ocupa o local.

Além da questão que comentei acima, as instalações do MVMC sofrem com diversos outros problemas estruturais, dentre os quais infiltrações e risco de inundação. De acordo como jornal Metrópoles o museu sobre devido uma chuva forte no ano de 2019 como vemos nesse trecho.

> No caso do Museu Vivo da História Candanga, mesmo fechadas, várias casas foram alagadas quando a água entrou tanto pelo solo quanto pelas brechas nas paredes e janelas, como informa o documento. Os locais mais afetados foram o auditório, a galeria de exposição, os galpões das oficinas e

[5] https://veterancarbrasilia.org.br/ acesso em 6 de junho de 2022.

> a administração do museu, onde equipamentos de informática e papéis ficaram molhados. (LIMA, 2019, Jornal Metrópole)

Outro aspecto interessante acerca do MVMC é que com as antigas residências dos funcionários do Hospital, hoje pequenas casas coloridas onde funcionam exposições e oficinas, o museu atrai noivos, debutantes, jovens que vão ao local para realizarem ensaios fotográficos utilizando o museu como "cenário". Além das construções dos tempos do Hospital Juscelino Kubitscheck de Oliveira, o espaço conta com uma extensa área arborizada que passa a sensação de paz e de fuga da cidade, com árvores exuberantes que propiciam sombras para piqueniques dos visitantes.

3.1 Visita ao Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC para a realização do estudo e avaliação da acessibilidade do museu

No dia 11 de abril de 2022 fui ao Museu Vivo da Memória Candanga - MVMC com o objetivo de realizar a visita técnica para a coleta das informações necessárias para a construção do trabalho de conclusão do curso.

O museu conta com uma parada de ônibus de fácil acesso para todas as pessoas, com a rampa e o piso tátil, porém esse só existe até o fim da calçada. A estação do metrô fica há 3,2 km de distância e tem uma alta rotatividade de ônibus por se encontrar em uma das principais BRs de Brasília: o fluxo é constante com linhas da cidade e para o entorno como por exemplo: Samambaia, Ceilândia, Taguatinga, Núcleo Bandeirante, Riacho Fundo 1 e 2, Guará 1 e 2, Sudoeste, Recanto das Emas, Águas Claras e outras linhas que são das marginais leste e oeste da Estrada Parque Indústria e Abastecimento – EPIA.

Para o acesso dos pedestres através de uma passarela mais próxima seria a 100 m e se encontra em um lugar ermo, pois dependendo do horário ele se encontra vazio mesmo com fluxo constante de ônibus e pessoas. A travessia da passarela também causa um certo desconforto dependendo do horário e a falta de calçadas até o museu nos traz certa insegurança tanto dos carros, ciclistas, como dos próprios pedestres.

A calçada de acesso da passarela até o museu acaba em certa parte se tornando perigoso, devido à passagem na grama, o que dificulta a locomoção de pessoas em cadeiras de rodas por exemplo, e prejudica a autonomia desse grupo específico.

Porém se usar a parada de ônibus em frente ao MVMC o acesso se torna fácil, rápido e acessível. Há um estacionamento para carros particulares, mas este é relativamente pequeno, no entanto, verifiquei que ele possui vagas para pessoas com deficiência e idosos.

Como podemos ver na (Figura 10) possuem apenas essas duas vagas especiais e está bem apagada. O estacionamento é relativamente pequeno em comparação ao tamanho do museu, mas o acesso a ele não é difícil. Apesar de possuir as vagas exclusivas para pessoas com deficiência, percebe-se pela foto que a pintura precisa ser refeita, bem como o espaço do estacionamento deveria ser expandido.

Figura 10: Estacionamento do MVMC – Museu Vivo da Memória Candanga.

Fonte: foto tirada pela autora.

Ao chegar ao Museu Vivo da Memória Candanga - MVMC, visitei as exposições itinerantes. A primeira exposição intitula-se “Joaquim Paiva: Cor e vida”. Trata-se de uma exposição de fotografias do fotógrafo, professor e diplomata

aposentado Joaquim Paiva. As fotos da exposição retratam as cores dos ambientes e das roupas dos primeiros habitantes do Núcleo Bandeirantes, à época, Cidade Livre, em seu cotidiano nos anos 1970 e 1972.

Como podemos ver na (Figura 11) o acesso às exposições itinerantes necessita ser readaptado às normas atuais, a fim de garantir autonomia das pessoas com deficiência, para que possam visita-la sem precisar de auxílio de outra pessoa com a cadeira de rodas, por exemplo.

Figura 11: Entrada para exposições: "Cor e vida" e "Exposição viver é transformar".

Fonte: foto tirada pela autora.

A segunda exposição itinerante "Viver é transformar" apresenta uma coleção de roupas e acessórios feitas com lacre de latinha de refrigerante por mulheres de baixa renda. A autora das obras chama-se Chica Rosa e o objetivo é apresentar outras formas acessíveis para essas mulheres levarem renda extra para suas casas, através desse projeto que teve início no ano de 1997, na região administrativa do Riacho Fundo I.

Na Figura 12 já podemos observar melhores condições de acessibilidade na entrada para a exposição. No entanto, porém ao se fazer manobras para entrar na outra sala, observamos que não há espaço suficiente, dificultando o acesso. Dessa forma, concluímos que há necessidade de auxílio de terceiros, o que fere a ideia de

autonomia almejada pelos parâmetros de acessibilidade. Conclui-se que é necessária uma readaptação das estruturas do prédio para alcançarem as atuais normas sobre dimensão de manobra. Também notamos que é necessário a instalação de uma rampa de acesso nas duas entradas de exposição.

Figura 12: Entrada para exposição "consultório do Dr. Edson Porto" e "Exposição Cerrado Pau de Pedro".

Fonte: foto tirada pela autora.

Foram inauguradas também duas novas exposições: a do consultório do Dr. Edson Porto e ao lado a Exposição Cerrado Pau de Pedro. A exposição Poeira, Lona e Concreto está atualmente suspensa para manutenção.

Esse acesso para a exposição Biblioteca com vemos na (Figura 13) precisa de uma readaptação as novas normas, pois o acesso para o cadeirante está muito estreito correndo o risco de queda.

Figura 13: Acesso para “Biblioteca” nome da exposição.

Fonte: foto tirada pela autora.

A Biblioteca está aberta, mas há uma exposição no local onde se encontrava antigamente a biblioteca pessoal de Juscelino Kubitschek, que foi recolhida todo o material pela família dele após seu falecimento.

Como podemos ver na Figura 14 o acesso para exposição principal Poeira, Lona e Concreto, área dos banheiros, auditório, sala de vídeo e a exposição Biblioteca está em estado de alerta, necessitam de manutenção o quanto antes para evitar acidentes.

Figura 14: Acesso para a exposição principal, auditório, biblioteca e sala de vídeo.

Fonte: foto tirada pela autora.

A exposição principal está em manutenção como já mencionado anteriormente. No momento da minha visita, os funcionários do museu estavam trocando os *banners*, as fotografias, e atualizando o acervo e o *layout* da exposição.

Na Figura 15 irei ressaltar as portas duplas, que são, atualmente, de fácil acesso para os cadeirantes, favorecendo a autonomia de sua circulação. é possível, portanto, verificar que houve uma readaptação às novas normas de diâmetro para manobras na entrada dificultando o acesso de uma área a outra pelo lado de for.

Figura 15: Entrada com rampa e escada.

Fonte: foto tirada pela autora.

De todas as entradas do museu, das “casinhas coloridas” sem distinção se vê que–todas são acessíveis, com portas duplas. As áreas de acessos possuem espaços para manobras para os cadeirantes. Além disso, verifiquei em minha visita que os banheiros estavam funcionando e são acessíveis, no entanto, um dos sanitários femininos estava interditado.

Como a Figura 16 nos mostra que é necessário realizar obras de manutenção no piso de acesso às exposições, tornando-o estável para a circulação de pessoas com segurança e autonomia.

Figura 16: Entrada para exposição “Poeira, Lona e Concreto”, auditório e sala de cinema.

Fonte: foto tirada pela autora.

O auditório e a sala de vídeo têm acesso restrito. É necessário realizar reserva com antecedência. O chão apresenta irregularidades que impedem a circulação de pessoas com deficiência, como por exemplo, uma pessoa utilize cadeiras de rodas. Necessita, portanto de manutenção. Apesar das irregularidades do piso, as entradas são acessíveis para os dois ambientes e não possui escadas.

A (Figura 17) nos mostra que essa entrada precisa urgentemente de reparos para as pessoas terem acesso ao local sem maiores dificuldades, com segurança e sem ajuda de terceiros.

Figura 17:Acesso para uma das salas de oficina que precisa de manutenção.

Fonte: foto tirada pela autora.

As casas coloridas têm acesso através das rampas e escadas ambas uma ao lado da outra, o que mostra a acessibilidade do local, porém algumas precisam de manutenção pois se encontram quebradas e estragadas, dificultando o acesso da cadeirante ou quem tem dificuldades de locomoção.

Na área verde que dá no caminho para área de socialização onde possuem as cadeiras de acordo com a Figura 18, podemos ver que precisa de reforma e atualização nas normas de medidas que foram implementadas em 2021.

Em minha visita, observei também a existência de área de lazer para as crianças com brinquedos. O “parquinho” se situa em meio a uma área arborizada, próxima ao campo onde estão instalados os bancos para descanso dos visitantes. Além de servir de descanso, a área e os equipamentos citados acima servem também para que os visitantes desfrutem do espaço aberto, para o deleite e a possibilidade de apreciação do Museu Vivo da Memória Candanga - MVMC.

Figura 18: Acesso para área verde e de socialização que precisa de manutenção.

Fonte: foto tirada pela autora.

A área verde está um pouco prejudicada em relação ao acesso como vemos na Figura19: o piso da estrada que permite o acesso dos visitantes ao local está deteriorado, necessitando de manutenção ou substituição. Além disso, observa-se que suas dimensões não permitem a passagem de pessoas em cadeiras de rodas, por exemplo, por ser muito estreita. Isso dificulta também a circulação de pessoas idosas, ou que tenham outra forma de dificuldade de locomoção.

Outro ponto observado foi o Parque infantil. Não há um percurso ou piso para o acesso ao equipamento, como veremos na imagem abaixo. Trata-se apenas de um gramado que necessitaria de adaptação para se tornar acessível às diferentes pessoas, de forma segura.

Figura 19: Área verde com parquinho para as crianças.

Fonte: foto tirada pela autora.

3.2 Experiência de Estágio no Museu Vivo da Memória Candanga

Ao escolher o primeiro estágio obrigatório, que ocorreu no primeiro semestre de 2019 na Casa da Cultura da América Latina (CAL- UnB), foi uma experiência muito importante para a minha formação pois nela aprendi um pouco de várias atividades.

A climatização do acervo de acordo com o clima atual e o orçamento que a instituição possui para usar os equipamentos e métodos adequados, a montagem de bandagens para armazenamento e exposição com suas adaptações devido à falta de material no museu no qual trabalha, catalogação onde foi ensinado que cada instituição adota um formato e você terá que aprender antes e adaptar-se para colocar da forma que o museu tem e o que a museologia pede.

Aprendi a montar uma exposição fotográfica na Biblioteca Central (BCE – UnB), com o auxílio de Anelise Weingartner Ferreira, especialista em conservação. Naquela ocasião, Anelise me ensinou as formas ideais de armazenamento para cada estação em Brasília, com especial atenção ao período da seca que nesta região é bastante impactante. Além disso, ela nos ensinou sobre a higienização e a

preservação das fotografias. Essa parte foi, de certa forma, um divisor de águas para a escolha do segundo estágio obrigatório.

Tanto a observação quanto a atuação, seguindo a orientação das supervisoras e dos supervisores de estágio, foram muito importantes para o enriquecimento dos meus conhecimentos e da minha formação enquanto estudante de museologia. Além disso, aprendi muito sobre o próprio edifício, a partir da visita guiada pela coordenadora e museóloga. Tal experiência foi um ótimo laboratório para o meu aprendizado.

Para o segundo estágio obrigatório, escolhi o Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC. O estágio se deu no segundo semestre de 2018. Fui acolhida pelo funcionário que trabalhava naquela época na instituição, Ronaldo Medeiros. Nesse período ele fez uma visita guiada junto a uma escola que tinha agendado um horário para a atividade. A partir dessa visita com o grupo escolar, Ronaldo Medeiros me apresentou a estrutura do MVMC.

O acervo hospitalar que se encontra no museu é constituído por materiais que foram usados da época em que o Museu Vivo da Memória Candanga - MVMC foi o primeiro Hospital de Brasília denominado Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira - HKJO.

Com o objetivo de apresentar a época da construção de Brasília e do entorno, o museu utiliza-se de fotografias e outros recursos expográfico como utensílios do cotidiano usados na época da construção. Há móveis como a cadeira de uma barbearia da época da construção da cidade. Tais recursos expográficos apresentam um pouquinho de como foi o surgimento da capital do Brasil. Há também uma exposição de fotografias, outro recurso muito utilizado no museu, que apresenta cópias do acervo fotográfico do Arquivo Público do Distrito Federal.

Depois de ter passado pela exposição permanente do Museu, assistimos o documentário da construção do início de Brasília, em seguida formos as exposições itinerantes do período em que foi feito o estágio e as oficinas que eram ministradas eram de barro e crochê naquele período.

Para a chegada ao local do museu temos ônibus, metrô e acesso por serviços particulares, mas a sinalização não é suficiente, precisa de melhoria. O acesso e a situação do Museu Vivo da Memória Candaga é descrito pela professora e pesquisadora Maria Cecília Gabriele:

> Localizado a cerca de 3 km da estação de metrô mais próxima, ao lado de um importante shopping da cidade, a área é servida por linhas de ônibus, mas o acesso da Candangolândia, que fica em frente, separada pela EPIA, é de difícil travessia. A passarela fica a 100m de distância e o lugar é ermo. Portanto, apesar de ter uma localização estratégica em termos de vias de circulação, o acesso para os pedestres é bastante complicado e nada estimulante. Uma das estratégias pensadas pela atual direção é a disponibilização de um micro-ônibus circulando entre a referida estação de metrô e as comunidades do entorno. (GABRIELE, 2010, p.6)

No momento da escolha das atividades que seriam desenvolvidas durante o período do estágio, o funcionário que faz as visitas guiadas no período, o senhor Ronaldo Medeiros, deixou-me à vontade para realizar essa escolha.

Como eu tinha pouca experiência em acervos fotográficos, optei pelo tema. Além disso, o estado de conservação em que este se encontrava, como condições inadequadas de armazenamento foi o que mais incentivou para decidir trabalhar na higienização desse acervo fotográfico.

Antes de começar a higienização foi preciso fazer uma pesquisa pois como não havia nenhum supervisor na área de Museologia para auxiliar estagiários, e seria de suma importância ter um museólogo em cada museu, para que os estagiários fossem orientados da melhor forma e até o funcionamento da própria instituição seria melhor. Adquirido o conhecimento na área para não causar prejuízo e danos às fotografias fomos para a próxima fase.

Por coincidência, naquele semestre estava tendo uma matéria sobre restauração e preservação com a professora substituta do curso de Museologia da UnB, a museóloga Fernanda Werneck Giorni Santos Martins. Esse fato foi fundamental pois pude recorrer a ela, que foi muito prestativa, tirando todas as dúvidas que surgiam no decorrer do processo do estágio e orientando as minhas atividades.

Depois de adquirir um pouco mais de conhecimentos acerca do tema, dei início aos trabalhos. Passamos então para a última fase do processo de acondicionamento das fotografias: a higienização do acervo fotográfico. A professora Fernanda Werneck me orientou acerca do que seria feito, quais os materiais necessários para realizar a higienização, e também me orientou sobre as formas e condições para armazenar corretamente os materiais.

Devido à falta de material todas as vezes que ia ao estágio levava se luvas de látex descartável, pincel de cerdas naturais para a higienização das fotografias e por último um bisturi para se fazer a raspagem, se necessário houver quando tiver

resíduos como por exemplo: fita dupla face, liga de dinheiro e fita adesiva (“durex”) no verso da fotografia.

Avaliando o acervo fotográfico, chegou-se à conclusão de que 30% dele, estava com algum tipo de resíduo no verso da fotografia e foi higienizado com todo o cuidado. Após esta etapa, fazia logo em sequência a separação por datação esperando apenas um álbum ideal para ser armazenado que foi indicado na compra.

Para não estragar o acervo foi usado papel sulfite para a organização e separação por datação do acervo fotográfico, sendo assim facilitando o processo de realojamento das fotografias para o álbum quando ele enfim chegasse.

A experiência no Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC, foi de muito aprendizado e adaptações para uma triste realidade que muitas instituições vivem diariamente.

Mesmo com todas as dificuldades que eles passam pela falta de verba, colocam seu esforço ao máximo para o museu permanecer aberto contando o início da construção de Brasília e um carinho enorme para as exposições itinerantes.

Se aprendi muito estagiando no Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC), pois através dele você é desafiado a se adaptar pela falta de investimento e com isso te instiga a estudar novos caminhos para alcançar seu objetivo final.

Concluindo foi uma experiência muito divergente os dois estágios obrigatórios que foram feitos decorrer do curso de Museologia, cada um foi adquirido experiência e conhecimento, de maneiras completamente opostas.

Com o primeiro houve auxílio de museólogo, experiências expográfica, conhecimento dos acervos, materiais usados e armazenamento, enquanto isso no segundo não houve nada disso, apenas um suporte de incentivo para continuar estagiando e higienizando/organizando o acervo fotográfico e pesquisa de campo, antes de se iniciar os trabalhos com muitas adaptações por falta de material e ver, mas não deixa de ser importante pela vivência adquirida nesse período que os dois estágios me ofereceram.

Cada estágio teve seu ponto principal na minha formação de conhecimento prático, que foi muito importante, pois na época simultaneamente estava fazendo a matéria de Museologia e Comunicação 4, sendo assim foi um suporte fundamental para a montagem da exposição que foi feita naquele período com a turma que fazia parte.

Capítulo 4 - Estudo de Caso: Pesquisa sobre acessibilidade de museu e no MVMC – Museu Vivo da Memória Candanga

O estudo de caso utilizado para a realização deste trabalho foi feito a partir de um questionário enviado de forma digital por meio eletrônico (*Google forms*) de forma. Para isso, foram identificadas e contatadas três pessoas que responderam de forma anônima ao questionário. Além das três pessoas entrevistadas, realizou-se também uma entrevista com a gerente do Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC, Eliane Falcão. Eliane Falcão se dispôs a nos ajudar, contribuindo com diversas informações que se evidenciaram como importantes para o estudo em tela. Foram elaboradas perguntas gerais sobre o museu e algumas perguntas específicas sobre o tema da acessibilidade da instituição. As entrevistas realizadas foram essenciais para o desenvolvimento das reflexões e contribuíram muito para o estudo de acessibilidade no Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC.

Como foi informado anteriormente as três pessoas são anônimas e o questionário foi enviado através de um documento online chamado *Google forms* (GOOGLE, forms, 2022.) A razão da escolha dessa forma de contato com as pessoas entrevistadas se deu em razão da crise sanitária que vivemos atualmente no Brasil. Optou-se, portanto, por uma coleta de informações por esses meios tecnológicos.

Ao elaboramos o questionário (anexo 1) colocamos em pauta quais seriam os pontos principais e importantes da pesquisa de público. O objetivo era compreender melhor como se dava a experiência de pessoas com deficiência no âmbito dos museus, em especial, o MVMC.

As questões formuladas e apresentadas nos formulários compartilhados com as pessoas entrevistas por meio da internet buscavam as seguintes informações:

- Se as pessoas tinham o costume de visitar instituições/museus em Brasília;
- Se elas já haviam visitado o Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC;
- Se o transporte público estaria cumprindo o seu papel da melhor forma com relação ao funcionamento da rampa para pessoa com deficiência;
- Se a pessoa que visitou o museu/instituição teve alguma dificuldade ao circular o espaço com autonomia;

- Se o Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC foi de fácil acesso em seu espaço institucional e com relação a chegada ao museu;
- Se as pessoas já frequentaram ou ouviram falar sobre as oficinas do saber que o Museu Vivo da Memória Candanga - MVMC possui, as áreas verdes para fotografias de noivas e debutantes, piqueniques em famílias e área de socialização;
- Em quais instituições/museus em Brasília você sentiu dificuldade em ter acesso devido à estrutura ou ao chegar no destino desejado;
- Se as pessoas consideram importantes falarmos abertamente sobre acessibilidade dos espaços hoje em dia.

Após a aplicação da entrevista, coletamos e tratamos os dados oferecidos pelas pessoas entrevistadas.

O tratamento dos formulários permitiu uma avaliação mais cuidadosa e qualitativa das questões que se evidenciaram importantes no desenvolvimento deste trabalho. Buscarei, nas linhas que seguem, apresentar os resultados obtidos a partir do cruzamento das respostas dadas pelas entrevistadas.

Primeiramente, observou-se que as três entrevistadas já visitaram o Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC.

Sobre o tipo de transporte utilizado pelas entrevistadas, temos que: as *entrevistadas 1 e 3* foram de transporte particular e o *entrevistado 2* foi de transporte público.

A *entrevistadas 1 e 2* não tiveram dificuldades em chegar ao destino final que era o Museu Vivo da Memória Candanga (MVMC), já a *entrevistada 3* sentiu dificuldade pela falta de sinalização.

As *entrevistadas 1 e 2* não tiveram dificuldade em acessar o espaço do Museu Vivo da Memória Candanga - MVMC, já a *entrevistada 3* teve dificuldades pois ela é cadeirante e cada entrada tinha um degrau dificultando a autonomia que ela teria na época em que fez a visita;

As *entrevistadas 1 e 2* conseguiram acessar o espaço com autonomia, mesmo sabendo que quem tivesse dificuldades não conseguiria e ressaltou isso, a *entrevistada 3* não conseguiu devido aos degraus em cada entrada já comentado e sua mãe a acompanhou durante todo o passeio lhe auxiliando;

As *entrevistadas 1 e 2* acharam a área verde acessível no período em que fez a visita, a *entrevistada 3* não achou e fez com ajuda de sua mãe;

A *entrevistada 1* falou que precisa retornar para se atualizar com a programação, e *entrevistada 2* na época participou, mas citou que foi a alguns anos atras, já a *entrevistada 3* falou que no período em que foi não estavam abertas;

A *entrevistada 1* falou que gosta das instituições expositivas, as *entrevistadas 2 e 3* afirmaram gostar desse estilo de programação;

A *entrevistada 1* gostou do Catetinho devido a sua história, a *entrevistada 2* gostou da Esplanada, as igrejas e o CCBB, já a *entrevistada 3* gostou de visitar: o Museu da República, Planetário de Brasília, Memorial dos Povos Indígenas, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), Conjunto Cultural da Caixa Econômica dentre outros. Normalmente vou visitar alguma exposição, feira cultural ou evento de dança." (ENTREVISTADA 3, anexo 2, 2022.);

A *entrevistada 1* afirmou dizendo ser acessível a todos os níveis, a *entrevistada 2* informou que mesmo as reformas em alguns prédios de modo geral eles são acessíveis, a *entrevistada 3* informou que os museus e instituições que ela citou na questão anterior, tanto o espaço físico e expositivo são bons;

As *entrevistas 2 e 3* gostam do CCBB, mas a 3 informou que ele é muito acessível por isso gosta muito de lá, já a *entrevistada 1* gosta do Catetinho;

A *entrevistada 1* se absteve dessa pergunta, a *entrevistada 2* citou que não se lembra, pois, cada local de certa forma possui suas dificuldades, a *entrevistada 3* informou que o planetário estava com o elevador sem funcionar e teve que ser carregada e o Museu da República possui duas rampas enormes dentro e fora do museu;

A *entrevistada 1* disse: "Sim, pois todo cidadão deveria ter acesso a lugares como esses, tanto para conhecer a história da sua cidade, ou de outros países que sempre estão abertos para a população. Tem até o museu do hospital Sarah Kubitschek. Também como sou paciente de lá é muito legal tem até uma mini cidade, quando entramos no hospital que mostrar todo projeto da rede Sarah e isso os estudantes tem acesso eu já fui na época da escola conhece a fundo. A história." (ENTREVISTADA 1, anexo 2 2022); A *entrevistada 2* disse: "Acho importante qualquer atividade que busque a inclusão! Parabéns pelo estudo!" (ENTREVISTADA 2, anexo 2, 2022); A *entrevistada 3* disse: "Sim. Quanto mais falarmos de acessibilidade é melhor para tentarmos sensibilizar outras pessoas. Queremos

participar da vida como todos. Gostei de responder ao questionário e sinto-me bem em poder dar essa pequena contribuição.” (ENTREVISTADA 3, anexo 2, 2022);

Após a análise das respostas das três entrevistadas podemos avaliar que, aos olhos de cada pessoa e suas necessidades o Museu Vivo da Memória Candanga não é tão acessível como aparenta ser pela sua ausência de escadas. Apesar disso, observou-se questões inadequadas em outros aspectos, citados ao longo deste capítulo. Dentre eles, temos o mau estado da pavimentação do local no acesso às portas dos prédios, que apesar de ter sido observado no período em que as entrevistas foram visitá-lo, podem ter sofrido modificações.

Podemos observar também que através da pesquisa, as entrevistadas citaram os museus em Brasília nos quais elas tiveram dificuldades de circulação e acesso. De acordo com a entrevistada 2 por não se lembrar qual em específico falou que de certa forma cada museu/instituição ou até mesmo prédios possuem suas dificuldades e falta de acessibilidade no espaço infelizmente, a entrevistada 3 frisou que o planetário no período em que foi estava com o elevador em manutenção e com isso acabou sendo carregada, ela citou também o Museu da República, pode não parecer mais a rampa dele é enorme e com dificulta a autonomia do acesso ao cadeirante, dentro do museu possui outra rampa com as mesma características, necessitando de auxílio para usá-la.

Com a entrevista da gerente (anexo 3) do Museu Vivo da Memória Candanga, Eliane Falcão, usei como desenvolvimento da pesquisa para esclarecer o funcionamento do museu, se ele possui projetos a serem desenvolvidos relacionados a acessibilidade, quais as dificuldades que eles enfrentaram com a pandemia, quais são as atividades e exposição que estão em funcionamento hoje em dia, quantos funcionários estão trabalhando para mantê-lo em aberto e funcionando, sua formação profissional ajuda na gestão do museu, ele possui um museólogo(a), essas foram algumas das questões esclarecidas durantes o questionário respondido por ela.

Suas respostas (anexo 4) foram as mais esclarecedoras possíveis, ela relatou que o público do museu em sua maioria são as escolas da região, entorno e de todo o país, universidades nacionais e internacionais e projetos do governo, confirmou que para melhorar o acesso deveria ter um balão. O museu entende por acessibilidade como um meio de facilitar a entender a história que museu passa, através de projetos. Para o recebimento de verba pelo governo ele tem que apresentar um projeto e ele ser aprovado para ser colocado em prática. Durante a pandemia, o museu ficou

fechado desde março de 2020 e começou a abrir parcialmente em abril de 2021, mas esse ano já está completamente aberto e com exposição reinaugurada, recentemente dia 20 de abril de 2022 “Poeira, Lona e Concreto”.

A gerente informou que há projetos de acessibilidade a serem implementados. Eliane Falcão é professora formada e estuda museus. Foi convidada a trabalhar no museu por ter muita experiencia em dirigir escolas.

De acordo com a gerente do Museu essas são todas as atividades que estão disponíveis hoje e infelizmente são coordenadas apenas por dois funcionários: *“Tudo que funciona hoje no Museu: Exposição Poeira, Lona e Concreta; Exposição Cerrado Pau de Pedro; Exposição Viver e Transformar (Cia do Lacre). Exposição de parte do acervo de Joaquim Paiva; Exposição Oficinas do Saber Fazer (parte do artesanato/acervo MVMC); Oficinas do Saber Fazer: Cerâmica - terça e quinta, crochê no Lacre de segunda a sexta, Costura básica terça e quinta; Oficina de Papel Artesanal Afetivo - Crie seu Livro das Memórias (Inicio 30/04 todo até o fim de maio); OBS: Inscrições abertas para todos os cursos, exceção do FAC; Projeto Valfenda : Oficina Básica de Moda (FAC- de segunda a sexta no período matutino); Projeto Territórios Culturais com visita das escolas. Hoje o Museu trabalha com Projetos de associações e que de preferência Social. Porém existiu uma portaria 386, que deixou brecha para Mestre artesão dar aula, e que até hoje funciona também, e temos também parceria com Ministério Público, além do FAC. Para se inscrever tudo é informado nas redes sociais” (FALCÃO, anexo 4, 2022).*

De acordo com a Gerente do Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC, ele precisa com urgência de uma restauração para manter as histórias e memórias dos candangos devido à falta de preservação e conservação dos prédios.

Considerações Finais

Ao concluirmos o trabalho chegamos ao desfecho que o Museu Vivo da Memória Candanga – MVMV parece ser acessível por não possuir tantos obstáculos visíveis à primeira vista, mas através do estudo de caso feito pelas entrevistas, podemos observar todas as “falhas” que ele possui com os relatos. A sua acessibilidade está evoluindo devido a disponibilidade de verba que o governo repassa e os projetos que são aprovados e colocados em prática, logo em seguida.

Pelos relatos, podemos ver que houve mudanças significativas em prol da acessibilidade, como por exemplo, eles retiraram o desnível/degrau, de todas as portas que servia para segurar a água da chuva, dando mais liberdade e autonomia pelo espaço do museu.

Infelizmente as entradas para cada “casinha colorida” precisam ser readaptadas para a novas regras da (NBR9050:2015), os caminhos para as áreas verde, de socialização e fazer uma para o parquinho precisam estar de acordo com as novas regras também e implementar o uso de pisos táteis no interior e fora do museu ganhando uma pluralidade de visitantes e diversidade.

O acesso ao museu continua sendo um problema, pois a passarela de acesso ao museu não possui calçadas. Outro ponto observado foi a falta de sinalização, que prejudica também a caracterização do museu como acessível.

O estacionamento possui vagas exclusivas, de acordo com a lei, mas apenas uma de cada e se encontram com a sinalização bem apagas.

Os banheiros são acessíveis, mas a falta de rotatividade no interior das cabines dificulta a autonomia do cadeirante. Além disso, um dos sanitários se encontrava interditado, um em cada banheiro (feminino e masculino).

As atividades e oficinas oferecidas pelo museu são ótimas para a interação da instituição com a sociedade. Também proporcionam a manutenção dos saberes e modos de vida das comunidades envolventes.

Como foi observado no relatório com as Figuras 10 a 19, vimos que as “casinhas coloridas” precisam de uma restauração e depois um projeto de preservação, para manter a memória e história que aquele lugar representa para os candangos.

Além disso, os prédios buscam retratar o período da construção de Brasília. Muitos aspectos históricos podem ser apreendidos a partir da sua interação com os públicos: a forma como eram feitas as construções daquele período, o uso de madeira, janelas grandes para arejar o ambiente, portas duplas... Além disso, as edificações em questão revelam também a disposição em que as persianas de madeiras foram construídas, com o intuito de aproveitar as condições ambientais do local, com a captação do vento. O exemplo disso se encontra na citação seguinte.

> O Museu Vivo da Memória Candanga é um exemplo claro de que através da comunicação da arquitetura é possível trabalhar diferentes conteúdos didáticos. Mas é necessário investir em concepções museológicas que sejam capazes de comunicar tais objetos tão ricos em informações, de forma compreensível e envolvente com vistas à formação de cidadãos conscientes de seu patrimônio cultural e de sua participação no desenvolvimento social de sua comunidade (GABRIELE,2010, p.14)

Concluímos através do estudo de caso com as três entrevistadas que tiveram acesso ao Museu Vivo da Memória Candanga que no período em que visitaram não se encontrava em melhorias de acordo com as leis, e com isso as respostas quase chegaram ao mesmo fim. Porém, a entrevistada 3 por ser cadeirante sentiu mais dificuldade no acesso devido a dependência de alguém para se descolar entre os lugares, pela falta de acessibilidade no ambiente na época.

Mas com o passar dos anos, aprovações de projetos do governo, eles estão caminho para o ambiente mesmo sendo um prédio com memória, precisasse sofrer adaptações para que todos possam lhe acessar da melhor maneira possível e com liberdade que o visitante merece.

Referências

ARRUDA, S. G.. Acessibilidade em Exposições: uma análise da norma atualizada NBR 9050:2015. In: LILIAN AMARAL; JOSELAINE MENDES TOJO. (Org.). Rede de Redes? diálogos e perspectivas das redes de educadores de museus no Brasil Sumário. 1ed.SÃO PAULO: SISTEMA ESTADUAL DE MUSEUS, 2018, v. 1, p. 104-120.

BAGGIO, Victória. Live, 2021. Pinacoteca de São Paulo – Que prédio é esse?. Disponível em: < https://live.apto.vc/pinacoteca-de-sao-paulo/> Acesso em: 25 de abr. de 2022.

BARON, Ivan. (@ivanbaronn). Expressões Capacitistas. São Paulo. 25 de mar. de 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cbh8eVxDsTa/> Acesso em: 28 de abr. de 2022.

CELESTE, C.; SILVEIRA, C. “Acessibilidade nos Museus brasileiros:tendências da produção acadêmica”. In: Museologia & Interdisciplinaridade, [S. l.], v. 8, n. 16, p. 196–212, 2019. DOI: 10.26512/museologia. v8i16.24783. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/24783/24171

COHEN, Regina; DUARTE, Cristiane e BRASILEIRO, Alice. Acessibilidade a Museus / Regina Cohen, Cristiane Duarte e Alice Brasileiro - Ministério da Cultura / Instituto Brasileiro de Museus. – Brasília, DF: MinC/Ibram, 2012. 190 p.; 18x24 cm (Cadernos Museológicos Vol.2)

CURY, Marília Xavier. Exposição: concepção, montagem e avaliação. / Marília Xavier Cunha, -- São Paulo: Annablume, 2005. 162 p.; 11,5x20 cm.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11904.htm> Acesso em: 25 de abr. de 2022.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm> Acesso em: 25 de abr. de 2022.

Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=14159&ano=2021&ato=25bgXVU5UMZpWT986> Acesso em: 26 de abr. de 2022.

Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13146&ano=2015&ato=c4aUTW65UNVpWT495> Acesso em: 26 de abr. de 2022.

Disponível em: <https://docs.google.com/forms/u/0/> Acesso em: 28 de abr. de 2022.

GABRIELE, Maria Cecília Filgueiras Lima. Museu Vivo da Memória Candanga: a musealização do patrimônio arquitetônico. **ENANPARQ – Arquitetura, Cidade, Paisagem e Território: percursos e prospectivas.** Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 1-14, nov./dez. 2010.

GABRIELE, Maria Cecília Filgueiras Lima, 2010. “Museu Vivo da Memória Candanga: a musealização do patrimônio arquitetônico”, Trabalho apresentado no I Encontro Nacional da Associação nacional de Pesquisa e Pós-Graduaçào em Arquitetura e Urbanismo, Rio de janeiro, 2010. Disponível em: ???

GABRIELE, Maria Cecília Filgueiras Lima. Musealização do Patrimônio Arquitetônico: inclusão social, identidade e cidadania Museu Vivo da Memória Candanga. Tese apresentada para obtenção do Grau de Doutor em Museologia no Curso de Museologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, orientada pelo Professor Doutor José Diogo da Silva Mateus. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Departamento de Museologia, Lisboa, 2012.

INSTITUTO Brasileiro de Museus. Guia para projetos de Arquitetura de Museus (2020), organizado pela Coordenação de Espaços Museais e Arquitetura do IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus, 2020

IPATRIMÔNIO, Ipatrimônio - patrimônio cultura brasileiro (beta). São Paulo – Pinacoteca do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.ipatrimonio.org/pinacoteca-do-estado-de-sao-paulo/#!/map=38329&loc=-23.533694291522377,-46.64625406265259,17> Acesso em: 22 de abr. de 2022.

KIEFER, Flávio. Novos Museus. Kiefer Arquitetos. 1996. Disponível em: <https://www.kiefer.com.br/pt/artigos/novos-museus-3> acesso em: 22 de abr. de. 2022.

LIMA, Bruna. Após chuvas, Museu da Memória Candanga e Hmib são vistoriados. **Metrópoles**, Distrito Federal, 23 de mai. de 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/apos-chuvas-museu-da-memoria-candanga-e-hmib-sao-vistoriados> Acesso: 23 de mai. de 2022.

LOPES, Allice Ferreira Normas de acessibilidade e museus do Governo do Distrito Federal: identificação e análise das avaliações de gestantes e puérperas. — Brasília, DF, 2016. 125 p.: il.

MAAS. Moovitapp, 2022. Brasil, Brasília e entorno do DF. Disponível em: < https://moovitapp.com/index/pt-br/transporte_p%C3%BAblico-Museu_Vivo_da_Mem%C3%B3ria_Candanga-Brasilia-site_17937183-1702#:~:text=Estas%20linhas%20de%20%C3%94nibus%20param,%2C%200.347%2C%200.373%2C%203020.> Acesso em: 18 de abr. de 2022.

PEREIRA, F.: KIMURA, S. O programa arquitetônico urbano nos planos museológicos dos museus brasileiros. 4º Seminário de Museografia e Arquitetura de Museus: Seminário de Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro - RJ, 2014

Perguntas Frequentes. MEC. Disponível em:<http://pne.mec.gov.br/20-perguntas-frequentes#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20o%20PNE,que%20significa%20que%20ultrapassa%20governos.> acesso em: 22 de abr. de 2022.

RESSANE, Mariana. O que mudou na versão 2020 da NBR 9050?. **Arquiteturalegalsp**, São Paulo. 13 de ago. de 2020. Disponível em: <https://www.arquiteturalegalsp.com.br/post/o-que-mudou-na-nbr-9050-2020>. Acesso em: 02 de abr. de 2022.

SARTORELLI, César Augusto. A linguagem da arquitetura expositiva. In: Arquitetura de exposições: Lina Bo Bardi e Gisela Magalhães. São Paulo: Edições SESC, 2019, p.14-35.

SESC TV, série Arquiteturas. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro/ MAM RJ Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=aTo1OHCt5SU&t=623s>

Subsídios para a elaboração de planos museológicos. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus - Ibram, 2016

TV Cultura. Pinacoteca: Um novo olhar –Parte 1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2-kF6RC-WxI>

TV Cultura. Pinacoteca: Um novo olhar –Parte 2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6P6E2ZfLLws>

TV Cultura. Pinacoteca: Um novo olhar –Parte 3. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oa__4PgkzCI>

TV Cultura. Pinacoteca: Um novo olhar –Parte 4. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fu206qIXWFQ>

Um imóvel tombado pode mudar de uso?. **Iphan**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/perguntasFrequentes?categoria=9#:~:text=pode%20ser%20reformado%3F-,Sim.,caracter%C3%ADsticas%20que%20justificaram%20o%20tombamento. Acesso em: 30 de abr. de 2022.

Anexo I

Perguntas para as três pessoas (anônimas)

1-Você já visitou o Museu Vivo da Memória Candanga?
2-Como você chegou no MVMC – Museu Vivo da Memória Candanga? Você utilizou o transporte público, automóvel particular ou outro meio? Qual?
3-Você sentiu dificuldades para chegar ao Museu? Quais?
4-No que diz respeito à visita ao museu (dentro da instituição), como foi sua experiência em relação à acessibilidade da instituição?
5-Você sentiu que pode circular no espaço do museu com autonomia?
6-A área verde do MVMC – Museu Vivo da Memória Candanga estava adequada para você, quando visitou o local? Por quê?
7-Você conhece as oficinas que a MVMC – Museu Vivo da Memória Candanga oferece à sociedade? Você se interessou por alguma? Já participou de alguma atividade do MVMC?
8-Você costuma visitar outras instituições museais ou expositivas em Brasília?
9-Quais? Por quê?
10-Como você avalia o acesso a essas instituições?
11-Em quais museus/Instituições museais em Brasília você se sentiu mais confortável? Por quê?
12-E em quais delas você teve mais dificuldades de acesso? Por quê?
13-Para finalizar, você considera importante tratarmos desse assunto? Você gostou de responder a esse questionário? Como se sente?

Respostas

<u>Entrevistada 1:</u>
26/04/2022 20:37:17 -
1- Sim
2- Transporte público
3- Na época não
4- Foi acessível, consegui frequentar todos os ambientes tranquilamente.
5- Sim
6- Na época sim, até com suportes para pode aproveita o passeio no dia, que eu fui estava muito acessível.
7- Tenho que volta ao museu novamente, porque foi anos atrás e sempre bom retorna..
8- Gosto muito das expositivas..
9- Da história da nossa cidade no cantetinho , amo aquele lugar.
10- Bem acessível para todos niveis..
11- Cantetinho.
12-

13-Sim, pois todo cidadão deveria de acesso a lugares como esses, tanto para conhece a história da sua cidade, ou de outros países que sempre estão abertos para a população. Tem até o museu do hospital Sarah Kubitschek. Também como sou paciente de lá e muito legal tem até uma mini cidade, quando entramos no hospital que mostrar todo projeto da rede Sarah e isso os estudantes tem acesso eu já fui na época da escola conhece a fundo. A história.

Entrevistada 2:
27/04/2022 17:08:35 -
1- Sim
2- Automóvel particular
3- Não
4- Foi ok, tendo em vista que se trata de um local antigo, onde pouco se preocupavam com a acessibilidade.
5- Eu sim, porem que tem restrição de mobilidade não.
6- Estava sim, tem muitos anos que não vou la, porem acho bem conceitual o espaço.
7- Já participei à muitos anos atras das oficinas de artesanato.
8- Sim
9- Explanada, Igrejas, CCBB
10- Alguns já ae adaptaram, porém de modo geral não há priorização para viabilizar o acesso.
11- Gosto muito do CCBB
12- Não sei precisar um, pois cada local tem uma restrição especifica… escadas, difícil estacionar e acessar o local, outros não disponibilizam banheiros adptados
13- Acho importante qualquer atividade que busque a inclusão! Parabéns pelo estudo!

Entrevistada 3:
27/04/2022 17:15:24 -
1- Sim, uma vez.
2- Fui de carro particular.
3- Sua localização é um pouco difícil e não é bem sinalizada. Então tive um pouco de dificuldade para chegar lá.
4- Como sou cadeirante em alguns lugares fica complicado passar com a cadeira porque a calçada é estreita e irregular, alguns pedaços do caminho é gramado, as portas de algumas salas são estreitas e em várias portas tem um pequeno degrau.
5- Não. Todo o trajeto fiz com a ajuda de alguém, no caso minha mãe.
6- A área verde não estava adequada: o gramado irregular, com alguns buracos, pedaços de calçada e não havia nenhum caminho que eu pudesse usar sem ajuda.
7- No dia da visita as oficinas estavam fechadas.
8- Sim
9- Museu da República, Planetário de Brasília, Memorial dos Povos Indígenas, Centro Cultural Banco do Brasil CCBB, Conjunto Cultural da Caixa Econômica

dentre outros. Normalmente vou visitar alguma exposição, feira cultural ou evento de dança.
10- Nos museus citados acima, o acesso tanto no aspecto físico quanto no expográfico é bom.
11- No CCBB. A acessibilidade é muito boa
12- No Planetário porque o elevador não estava funcionando e tive que ser carregada pelo brigadista; e no Museu da República que tem uma rampa enorme dentro e fora dele.
13- Sim. Quanto mais falarmos de acessibilidade é melhor para tentarmos sensibilizar outras pessoas. Queremos participar da vida como todos. Gostei de responder ao questionário e sinto-me bem em poder dar essa pequena contribuição.

Anexo II

Perguntas para a Diretora no Museu Vivo da Memória Candanga - MVMC

1- Você considera o MVMC (Museu Vivo da Memória Candanga) acessível? Em quais aspectos?
2- O que a instituição entende por acessibilidade?
3- O Museu possui outra forma de compreensão da Acessibilidade que aborde todos públicos?
4- Qual é o público alvo do museu?
5- O museu entra em contato com o GDF referente à algum tipo de auxílio no que tange o aspecto da acessibilidade? Quais as consequências do período da pandemia para o museu? De quando a quando se deu o período em que se encontrou fechado? Como se deu esse período?
6- Sobre a oficina de carros, ela faz parte do museu?
7- Vocês pensam em implementar outras medidas de auxílio para outras pessoas com deficiência? Se sim, quais?
8- Qual o nome da exposição que está em manutenção? qual o nome da exposição ao lado do Dr. Edson Porto?
9- Há oficinas em funcionamento hoje? Como funciona para que uma pessoa que queira realizar uma oficina possa se informar sobre elas? Ou se inscrever?
10- Qual a sua história com a instituição?
11- Qual sua função no museu? (gerente/ diretora?)
12- Quais as atividades são desenvolvidas pela direção do Museu? Como elas se relacionam com o quadro de funcionários da instituição?
13- Qual a sua formação? Como a sua formação contribui na atuação da função de direção.
14- Você se considera satisfeita com as condições de trabalho no Museu? Quais os pontos fortes e quais os pontos fracos que você consegue identificar?
15- Em pesquisa prévia, conheci projetos do MVMC como à confecção de máscaras e outras atividades que são desenvolvidas em conjunto com a comunidade uma ação muito interessante, estimulante. Você acha que o Museu Vivo da Memória Candanga está preparado para uma atividade mais inclusiva? O museu vem preparando projetos referentes a esses assuntos?

Respostas da Diretora do Museu Vivo da Memória Candanga – MVMC

25/04/2022 18:36:08 -
1- Não. Deveria ter um balão para facilitar todo entrada para o Museu, para viabilizar o acesso todo entorno no Museu, inclusive o Plano Piloto e as RAS, porque temos visitantes de todo o DF, entorno e de outros estados. E o carro chefe do Museu as escolas. Agora com relação as redes sociais, acho acessibilidade até muito bom.
2- Facilidade de visitação e informação sobre a nossa história.

3- Só através de Projetos.
4- Escolas de todo o País, Universidades nacionais e internacionais, mais em especial as escolas do DF e entorno, no temos o Projeto Territórios Culturais em um Projeto com a Secretaria de Educação.
5- Sim, porém temos que apresentar projetos e não serviços suficientes e nem profissionais da área, para trabalhar executar.
Na pandemia como em todo o pais ficou parado, e isso dificultou a visitação, visibilidade e transmissão do conhecimento da Memória.
O ficou fechado de março de 2020, abriu parcial em Setembro de 2021 e este ano voltou a todo valor.
6- Não pertence ao Museu Vivo da Memória Candanga. O Museu é um espaço da Secretaria de Cultura e Economia criativa do Distrito Federal e a oficina de carros não pertence a Secretaria, é uma empresa privada.
7- Sim, inclusive já existem projetos a ser executado.
8- Poeira, Lona e Concreto, que foi reaberta dia 20/04 porém a manutenção ainda irá continuar.
9- Tudo que funciona hoje no Museu:
Exposição Poeira, Lona e Concreta;
Exposição Cerrado Pau de Pedro; Exposição Viver e Transformar (Cia do Lacre).
Exposição de parte do acervo de Joaquim Paiva;
Exposição Oficinas do Saber Fazer (parte do artesanato/acervo MVMC);
Oficinas do Saber Fazer: Cerâmica - terça e quinta, crochê no Lacre de segunda a sexta, Costura básica terça e quinta;
Oficina de Papel Artesanal Afetivo - Crie seu Livro das Memórias (Inicio 30/04 todo até o fim de maio);
OBS: Inscrições abertas para todos os cursos, exceção do FAC;
Projeto Valfenda : Oficina Básica de Moda (FAC- de segunda a sexta no período matutino);
Projeto Territórios Culturais com visita das escolas.
Hoje o Museu trabalha com Projetos de associações e que de preferência Social.
Porém existiu uma portaria 386, que deixou brecha para Mestre artesão dar aula, e que até hoje funciona tb, e temos tb parceria com Ministério Público, além do FAC.
Para se inscrever tudo é informado nas redes sociais.
10- Sou Professora e estudiosa de Museus, e defendo que a nossa Memória tem ser guardada a 7 chaves. Fui convidada a trabalhar no Museu por ter uma vasta experiência em Direção de escola.
11- Bom, vim para o Museu em 2019, o convite foi para ser Diretora e fui, porém em maio fizeram uma reformulação é passaram a função para a de gerente. Achei um absurdo.
12- A resposta da questão 9 ajuda a 12. Muito ruim, porque um Museu enorme cheio de problemas e com dois funcionários fica difícil.
13- Sou pós graduação em Educação e estudiosa na área de Museologia, ajuda a transmitir o conhecimento da Memória Candanga para nossos alunos que visita o Museu diariamente.

14- Não, ponto negativo que o Museu precisa ser restaurado urgentemente, e o ponto positivo que ele mantém a Memória dos nossos pioneiros e candangos Vivo, fora o trabalho social que tem com a comunidade e a transmissão do conhecimento da história da construção da Nova Capital.
15- Claro. Acho que nem podemos chamar de Projetos, acho que podemos chamar obrigação com a comunidade, a inclusivo deve ser inserida em tudo hoje.